

AS MULHERES QUEREM TORCER: ASPECTOS CONCEITUAIS A PRÁTICA TORCEDORA NOS ESTÁDIOS DO ESTADO DA BAHIA

Carolina Farias Moraes¹

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre a participação de mulheres em torcidas organizadas de futebol no estado da Bahia. A investigação utilizou observação participante em espaços de sociabilidade frequentados por torcedoras vinculadas às torcidas Bamor e Os Imbatíveis, buscando compreender como a presença feminina atua na produção de novas dinâmicas culturais, de gênero e identitárias no universo do futebol. A análise discute a construção da identidade nacional associada ao esporte, os estereótipos relacionados à presença das mulheres nas arquibancadas e os modos pelos quais elas negociam sua permanência e participação em contextos marcados pela hegemonia masculina. O estudo propõe uma abordagem interdisciplinar que articula cultura, gênero e futebol, destacando tensões, desafios e transformações provocadas pela atuação das torcedoras organizadas.

Palavras-chave: futebol; gênero; torcidas organizadas; torcedoras; negociação.

Introdução

A relação afetiva da pesquisadora com o futebol, desde a infância até a adolescência, tanto como jogadora quanto como torcedora, despertou em mim o desejo de investigar a presença das mulheres nas torcidas organizadas. O futebol está profundamente imbricado em nossa sociedade e é um campo fértil para análises de questões sociais, culturais e políticas do Brasil. Este artigo, portanto, escrito com a perspectiva de compartilhar em linhas gerais a pesquisa realizada em 2018, no programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade, pela Universidade Federal da Bahia, intitulada “As torcedoras querem (poder) torcer”, investigou a presença e o papel das mulheres nas torcidas organizadas de futebol no Brasil, abordando aspectos de sociabilidade, identidade e resistência. A metodologia escolhida para realização da pesquisa foi a observação participante (BRANDÃO, 1999) que dispõe de acompanhamento das torcedoras organizadas nos espaços de sociabilidade que comportam os estilos de vida das torcidas organizadas. A partir disso, o trabalho foi organizado em três partes principais:

¹ Universidade de São Paulo. Email.: carol.fariasmoraes@gmail.com

1- "O lugar da mulher na paixão nacional", que explorou as contradições e desafios enfrentados pelas mulheres no "País do Futebol". Seção que discutiu a relação entre futebol, cultura e identidade nacional, abordando como o futebol é parte importante da cultura brasileira, analisando a presença e o espaço das mulheres neste contexto;

2- "As torcedoras querem torcer", que se dedicou a compreender a trajetória e a experiência das mulheres torcedoras e sua relação com os espaços de sociabilidade do futebol. Aqui, foram abordados os desafios e conquistas das mulheres nas torcidas organizadas, e como a presença delas muda a dinâmica social desses grupos; e

3- "Minha presença te incomoda?", que refletiu sobre o incômodo causado pela presença das mulheres nas arquibancadas e as negociações necessárias para conquistar e manter o espaço delas nesses ambientes. Esta parte debateu as possíveis conclusões e caminhos futuros para a presença das mulheres nas torcidas organizadas.

Ao longo da pesquisa, foram apresentadas histórias, trajetórias e perspectivas das torcidas organizadas "Bamor" do Esporte Clube Bahia e "Os Imbatíveis" do Esporte Clube Vitória, bem como relatos e observações de torcedoras que fazem parte das arquibancadas, dos estádios, das sedes das torcidas organizadas e dos bares, incluindo vivências da pesquisadora (como torcedora). E contato com torcedoras que participaram do *I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada*, realizado 10 de junho de 2017 no Auditório do Museu do Futebol, localizado no estádio do Pacaembu, na cidade de São Paulo/SP, além de considerar as interações de um grupo exclusivo de WhatsApp criado após a realização do evento.

Eu, mulher torcedora

A minha familiaridade com a temática do futebol teve origem na minha infância, quando comecei a participar de jogos com os meninos no condomínio onde residia na cidade de São Bernardo do Campo/SP. Nesse contexto de envolvimento diário com a prática esportiva, pude prontamente perceber que minha presença naquele ambiente não era aceita, pois eu era a única menina a frequentar aquela quadra. Para estabelecer minha visibilidade, tive que responder prontamente, não apenas participando do futebol, mas também compreendendo os fundamentos e nuances desse esporte. Com o passar dos anos, o que era inicialmente uma brincadeira se tornou uma atividade séria. Com o apoio incondicional da minha mãe, comecei a

explorar diferentes locais de treinamento dedicados ao futebol feminino, e assim dediquei aproximadamente uma década da minha vida à prática do futebol.

Parar não foi uma escolha, e sim imposição das circunstâncias. Por questões de ordem familiar, tive que abandonar o futebol para começar a trabalhar, pois aquele momento conciliava apenas a escola com a prática esportiva. Esse breve histórico, infelizmente não se faz apenas de ordem pessoal, mas, sim, como algo comum a grande maioria de mulheres que praticam futebol no país. Obviamente, além de jogar, sempre acompanhei meu clube do coração, clube que, para mim, assim como para a maioria das pessoas que gostam de futebol, não tem apenas escudo, mas nome e endereço, e esse endereço era a casa do meu tio. Para me conquistar não precisou muito. Eu já aguardava ansiosamente para participar do coletivo da família que se reunia para assistir aos jogos. Assim, com algumas camisetas novas e preciosidades antigas, comecei a ser convidada para ir ao estádio com meu tio e meu primo. Foi assim que passei pela minha segunda descoberta com o futebol, a torcida. Posso lembrar dos primeiros momentos ao percorrer o entorno do estádio, o canto envolvente, a sensação simbólica de pertencimento e a emoção: meu coração disparou – da mesma forma que disparava quando meu clube marcava um gol. Acompanhada dos homens da família, pouco conseguia transitar, já que aquele também não era “meu espaço”. O tempo passou e já na adolescência comecei a frequentar o estádio com mais liberdade, e consequentemente a torcida organizada.

Este estudo é significativo para a história da pesquisadora não apenas pelas potenciais oportunidades profissionais que a vida universitária pode proporcionar, mas também pela crença na importância do sentimento de pertencimento que o futebol despertou, tornando-a uma entusiasta desse esporte. Ao reconectar essas sensações com as experiências das mulheres torcedoras, a pesquisadora não está apenas cumprindo uma obrigação etnográfica, mas também se posicionando novamente como parte integrante desse contexto.

Nessas experiências recentes, saio dos estádios todas às vezes com a certeza que mudanças são possíveis, mesmo que de modo despretensioso. Hoje, dadas as mazelas futebolísticas, minha avaliação se faz de modo mais consciente e crítico, no entanto, não menos apaixonada. Fazer parte, sentir-se parte, ser parte de uma torcida de futebol poderá para muitos ser algo inusitado. No mais, aos que nunca foram a um estádio de futebol, a única coisa que tenho a dizer é: simplesmente vão.

O espaço da mulher na paixão nacional

O futebol, como fenômeno cultural (FRANCO JÚNIOR, 2014), desempenha um papel fundamental na construção da identidade nacional em diversos países, e no Brasil, esse vínculo é ainda mais profundo. A paixão pelo esporte transcende as fronteiras do campo e se infiltra em diversos aspectos da sociedade, moldando tradições, costumes e valores. Nesse sentido, o futebol brasileiro tornou-se um símbolo de orgulho e pertencimento (DAMO, 2014), estreitamente ligado à nossa história e ao nosso modo de viver. As conquistas nas competições internacionais, aliadas ao estilo único e criativo de jogo, contribuíram para a consolidação de uma identidade nacional que celebra o talento, a alegria e a resiliência do povo brasileiro. Assim, o futebol é mais do que um simples esporte, é uma expressão cultural que reflete e fortalece a identidade de uma nação, unindo pessoas de diferentes origens, crenças e realidades em torno de uma paixão comum.

A frase “Somos o País do Futebol” seja sentença, conquista ou destino é reivindicada como privilégio em nosso País. Considerando que hipoteticamente isso seja verdade é inegável que somos o País do futebol masculino (MORAES, 2018). Segundo Rosenfeld (2007) e , o futebol é um símbolo da virilidade no Brasil, um país onde a cultura patriarcal valoriza a potência viril e a elegância verbal literário-retórica. Por outro lado, é inegável que as mulheres estão cada vez mais se afirmando como participantes ativas e apaixonadas pelo esporte. Elas desafiam a noção de que o futebol é um espaço exclusivamente masculino e combatem os medos e angústias associados à feminilidade no contexto desse esporte (NORONHA, 2016; ECO, 1984; GUEDES; 1982).

A construção da identidade nacional e sua vinculação com a masculinidade no futebol brasileiro é um tema complexo e multifacetado. Por décadas, as mulheres foram afastadas de modalidades como o futebol por conta de uma preocupação social quanto a "masculinização" daquelas que praticam futebol e como isso pode afastá-las dos padrões de feminilidade impostos.

Mas a participação das mulheres no futebol não é algo novo, apesar das dificuldades enfrentadas. Há uma busca por igualdade e reconhecimento, mas a presença das mulheres ainda incomoda. O que se percebe, é que as mulheres têm lutado para encontrar seu espaço e serem ouvidas neste contexto, enfrentando barreiras sociais e culturais que muitas vezes reforçam as desigualdades de gênero. Ao desafiar essas normas e reivindicar seu direito de participar plenamente da paixão

nacional pelo futebol, as mulheres estão contribuindo para a desconstrução do machismo e a criação de um ambiente mais inclusivo e igualitário no esporte.

As torcedoras, seus clubes e suas torcidas

A palavra "torcer" tem origem na ação das mulheres das classes mais abastadas que assistiam aos jogos e "torciam" suas luvas em ansiedade pelo gol (MALAIA, 2012). A presença das mulheres nos estádios era vista como uma forma de embelezar o espetáculo e demonstrar o caráter familiar do evento. No entanto, a presença das mulheres também contribuiu para reflexões sobre a ocupação dos espaços públicos e a inserção das mulheres na sociedade.

Uma vez que se compreende a conexão intrínseca entre a simbologia subjacente ao ato de torcer e o papel atribuído às mulheres na estrutura social, torna-se imperativo adquirir um entendimento mais aprofundado acerca do próprio ato de torcer, juntamente com suas múltiplas manifestações e representações simbólicas. À medida que o fenômeno do futebol se dissemina, as mulheres passam a adentrar os espaços dos clubes onde ocorrem as partidas. Entretanto, para uma melhor apreensão dessa questão, torna-se essencial examinar o processo de seleção de um clube de futebol para ser objeto de torcida. A resposta para esse questionamento, em um primeiro momento, pode parecer óbvia, principalmente devido ao frequente relato de torcedores e torcedoras de que "nasceram" torcendo para o Esporte Clube Bahia ou que são "Esporte Clube Vitória desde criança". Essas expressões, de certa maneira, corroboram a ideia de que essa "escolha" se constrói no âmbito familiar, na proximidade com amigos, vizinhos e amigas, como ressaltado por DAMATTA (1982), DAMO (1999) e REIS (1998).

A torcida organizada é uma escolha feita por um grupo no qual tanto os torcedores quanto as torcedoras assimilam os padrões de atitudes e comportamentos adotados pela própria torcida, conforme apontado pelo autor Carlos Máximo Pimenta, (2000). Por outro lado, existe a figura da torcedora que vai ao estádio, acompanha seu clube e o apoia, mas não se envolve de forma associativa com uma organização, como destacado pela pesquisadora Heloisa Baldy dos Reis (1998). Essa distinção se dá entre aqueles que fazem parte de uma facção torcedora com uma estrutura organizacional independente do clube ao qual torcem, em contraste com os torcedores uniformizados que expressam sua preferência pelo clube utilizando a camiseta da equipe (REIS, 1998, p. 06).

Atualmente, a escolha das mulheres de frequentarem os estádios de futebol já não causa tanto espanto na sociedade. No entanto, a decisão de participar de uma torcida organizada ainda parece gerar algum desconforto. A inclusão das mulheres nas torcidas organizadas não reflete uma conexão imediata, uma vez que as informações divulgadas sobre essas torcidas estão alinhadas com os padrões esperados pela sociedade em relação às mulheres, o que, na perspectiva bourdieusiana, não se relaciona com o *habitus* feminino como torcedora.

A escolha de um clube de futebol para torcer é geralmente influenciada por fatores como o convívio familiar, com foi o meu caso, a proximidade com amigos e vizinhos. Essa escolha é uma construção cultural que envolve a criação de vínculos afetivos e está impregnada de histórias e trajetórias pessoais.

No início do século XX, o futebol começou a ganhar popularidade no Brasil, com torcedores aparecendo mais frequentemente nas imprensas locais de São Paulo e Rio de Janeiro. Os clubes Esporte Clube Bahia e Esporte Clube Vitória foram fundados durante este período, cada um com suas próprias histórias e trajetórias.

Em um período turbulento da política brasileira em razão ao Golpe de Estado de 1930, o Esporte Clube Bahia, nascia em Salvador em 1º de janeiro do mesmo ano, com as cores do estado da Bahia, reforçando a premissa de identidade e regional. Conforme apresenta Paulo Roberto Leandro (2015), o Esporte Clube Bahia nasceu de uma fusão de dois dos melhores clubes da cidade: a Associação Atlética da Bahia e o Clube Bahiano de Tênis.

Segundo o autor, esses dois clubes não resistiram às pressões do departamento de futebol e fecharam suas portas, pelo fato de que havia oposição à presença e participação de trabalhadores negros em um clube de futebol de Salvador. Já o Esporte Clube Vitória foi fundado em 13 de maio de 1899, um dos clubes mais antigos em âmbito nacional e nascido na alta burguesia racista de Salvador (LEANDRO, 2015). O clube, no início, trazia as cores preto e branco e fazia homenagem em seu nome ao Corredor da Vitória – um dos locais mais caros para se viver em Salvador – região em que os seus 19 fundadores à época moravam. O clube passou a utilizar as cores vermelho e preto por simpatia ao Clube de Regatas do Flamengo e a prática do futebol começou em 1902 (SAMPAIO, 2011).

A Torcida Organizada Bamor (T.O.B)² é a maior torcida organizada do Esporte Clube Bahia, com aproximadamente 1.468 associados, sendo 100 deles do Bonde Feminino. As torcedoras do Bahia que participam da organizada Bamor têm entre 17 e 33 anos, sendo a maior concentração entre 21 e 23 anos. No aspecto racial, a maioria se autodeclara como pardas e pretas/negras. A Bamor se divide em quatro zonas da capital baiana e possui representação em outros estados. O Bonde Feminino da Bamor foi fundado oficialmente em 2005, proporcionando um espaço exclusivo para as mulheres torcedoras.

Já a Torcida Uniformizada "Os Imbatíveis" (T.U.I)³ é a maior torcida organizada do Esporte Clube Vitória, com aproximadamente 1.300 associados. Dentre eles, 44 compõem o Comando Feminino, e ao todo, cerca de 120 mulheres integram a torcida organizada. As torcedoras do Vitória têm entre 16 e 30 anos, com maior concentração entre 21 e 23 anos. Em relação à raça/cor, a maioria se autodeclara como pardas e pretas/negras. O Comando Feminino é uma parte da torcida composta exclusivamente por mulheres, e as integrantes podem optar por fazer parte ou não deste grupo.

É evidente que essa configuração apresenta avanços ao oferecer às mulheres torcedoras um espaço próprio, reconhecendo e promovendo sua participação ativa no universo das torcidas. No entanto, é importante abordar as problemáticas que surgem a partir dessa perspectiva. Ao estabelecer um espaço exclusivamente dedicado às mulheres torcedoras, surge o desafio de evitar a criação de uma segregação ou distinção entre os gêneros, especialmente considerando que não há um distrito ou comando igualmente dedicado aos homens torcedores. Dessa forma, é crucial buscar um equilíbrio que promova a inclusão de todos os torcedores, independentemente de seu gênero, evitando assim a reprodução de estereótipos de gênero e garantindo a igualdade de oportunidades e participação no contexto das torcidas.

As últimas décadas viram um aumento significativo na participação das mulheres em espaços públicos, incluindo estádios de futebol. Apesar de conquistas sociais e maior presença, as mulheres ainda enfrentam estereótipos e preconceitos em torno de seu papel como torcedoras. Leda Maria da Costa (2007) identifica a

² As informações mencionadas representando um estudo de campo da pesquisa de mestrado realizado em 2018.

³ As informações mencionadas representando um estudo de campo da pesquisa de mestrado realizado em 2018.

verdadeira torcedora como aquela que tem como princípio o apoio incondicional ao seu clube de coração, em contraposição às que veem o futebol como um passatempo. A participação das mulheres nos estádios de futebol levanta discussões sobre os estereótipos impostos a elas e as questões que surgem em decorrência dos caminhos que percorrem no exercício de suas atividades como torcedoras.

A crescente presença de mulheres nos estádios de futebol tem deixado de causar espanto na sociedade brasileira. No entanto, sua participação em torcidas organizadas ainda gera um certo desconforto. A entrada das mulheres nesses grupos não ocorre de forma imediata, pois as informações divulgadas sobre as torcidas organizadas são alinhadas aos padrões esperados pelas mulheres na sociedade, não condizendo com o *habitus* feminino. Roger Chartier (1988) afirma que a compreensão do social envolve intencionalidade e estratégias, indicando que as escolhas feitas pelas torcidas organizadas em manter as mulheres à distância são mecanismos para preservar a organização e exaltar a masculinidade.

Ao analisar a participação das mulheres nas torcidas organizadas, percebe-se que as expressões vinculadas ao estádio de futebol não se enquadram no padrão atribuído às mulheres pela sociedade. Isso pode gerar medo da divisão de espaço e perda de identidade entre os homens. Entretanto, com o aumento da presença de mulheres, alguns torcedores passaram a tentar compreender melhor e fortalecer seus discursos de apoio às mulheres.

Durante a pesquisa etnográfica realizada com as torcidas organizadas *Bamor* e *Os Imbatíveis*, bem como com outras torcedoras participantes, foi possível estabelecer observações e diálogos com diversas mulheres engajadas nesse contexto. É importante ressaltar que, especificamente em relação às torcidas mencionadas, foi evidenciada a presença ativa de mulheres nas atividades cotidianas das torcidas organizadas, as quais incluem tomadas de decisões e organização de festas nas arquibancadas com a utilização de bandeirões e baterias, entre outros elementos. No entanto, é válido destacar que nem todas as torcidas seguem essa dinâmica.

Durante o *I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada*⁴, ocorreram situações em que algumas torcedoras não possuíam acesso aos recursos materiais mencionados anteriormente, tampouco participavam ativamente de suas torcidas. As

⁴ O I Encontro nacional de mulheres de arquibancada aconteceu no dia 10 de junho de 2017 no Auditório do Museu do Futebol localizado no estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo – SP, com o mote: Resistência e Empoderamento. O Encontro foi um acontecimento, pois reuniu aproximadamente 350 torcedoras de diversos lugares do Brasil.

torcedoras enfrentam dificuldades para acessar o patrimônio das torcidas organizadas, como os bandeirões e as baterias. Apesar disso, algumas torcedoras assumiram responsabilidades, como a confecção de camisas em homenagem a atletas e a organização de comemorações de aniversário. Embora a participação das torcedoras em atividades tradicionalmente masculinas, como a utilização de bandeirões e a atuação nas baterias, ainda seja reduzida, as tentativas de ingressar nesses espaços têm resultado em avanços significativos e alterações na dinâmica das torcidas organizadas. Contudo, é importante mencionar que parte das torcedoras entrevistadas relatou experiências de machismo e preconceito que geram desconforto em relação à sua presença nesses contextos.

O papel da negociação na vida das torcedoras

Utilizar o conceito de negociação para abordar as relações que moldam o universo futebolístico não é comum, e as pesquisas que relacionam "negociação" com "futebol" frequentemente se limitam às questões envolvendo negociações de jogadoras/es ou questões de identidade no futebol - identidade nacional. Na busca por compreender as relações futebol, torcer e torcedora, ousei explorar a negociação como elemento crucial da presença das torcedoras organizadas e sua atuação.

A palavra negociação tem origem no latim e é formada pelos radicais *neg* e *otium*, que significam literalmente sem ócio ou sem descanso (PEREIRA, 2012). Nos dicionários consultados, as definições se referem aos atos de pactuar, tratar, conversar, e ao ato ou efeito de negociar. Maria Ester de Freitas (1994), em seu artigo "Organização: um espaço de negociação", recorre ao conceito de Dean G. Pruitt (1981) para definir negociação como:

tomar decisão em que duas ou mais partes conversam entre si num esforço de resolver os seus interesses opostos. Elas expressam as duas demandas contraditórias e se movem em direção a um acordo, através de um processo de fazer concessões e buscar novas alternativas, que ofereçam maiores benefícios mútuos. (PRUITT, 1981, p. 14).

Freitas destaca que o processo de negociação envolve conflitos sociais, pois há disputa de interesses opostos, mas também possibilidades de resolução desses conflitos, já que negociar requer expor e analisar alternativas para construir um acordo que reposicione a relação. Dean Pruitt (1981) também elabora funções da negociação,

como desenvolver acordos específicos, políticas de longo prazo e mediar a mudança social.

Negociação no futebol geralmente aborda contratações e identidades, mas neste caso, o foco é na presença e atuação das torcedoras. Desse modo, negociação envolve conflitos sociais e busca de acordos, podendo mediar mudanças sociais. As articulações entre mulheres, torcidas e clubes são estratégias e reivindicações por uma busca de espaço nas torcidas organizadas, um “local” marcado por *status quo*. Muitas vezes, essas negociações envolvem acessar espaços nas torcidas, às vezes criando setores apenas de mulheres torcedoras organizadas, possibilitando a aproximação e fortalecimento de laços entre as torcedoras. A dominação masculina é explicada por Pierre Bourdieu (2002) como resultado de uma série de violências cotidianas, principalmente simbólicas, exercidas pelos dominadores e legitimadas pelos dominados. Essa dominação, baseada nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, é reproduzida tanto por homens quanto por mulheres, já que as estruturas históricas da ordem masculina são incorporadas sob a forma de *habitus*, uma forma inconsciente de percepção que determina quais atitudes são adequadas para cada um dos gêneros. A presença de mulheres nos estádios de futebol gera tensões e negociações, pois desafia o *habitus* estabelecido e obriga a adequações a um novo contexto.

Na pesquisa, foi possível colher relatos de torcedoras de suas lutas pelo direito de tremular a bandeira da torcida e tocar bateria, mostrando a necessidade de empoderamento feminino. Outros relatos destacam barreiras impostas às mulheres, como a proibição de viajar para partidas consideradas perigosas ou transportar material da torcida. No entanto, as torcedoras que enfrentam esses desafios e reivindicam seus direitos contribuem para abrir espaço e inspirar outras mulheres a fazer o mesmo. A discussão ressalta a importância de se analisar e problematizar negociações de gênero e hierarquia nas torcidas organizadas, buscando igualdade e representatividade para as mulheres.

Considerações finais

Este artigo permitiu revisitar aspectos essenciais do trabalho, reconhecendo que estudos acadêmicos devem ser avaliados e referenciados considerando o período histórico em que foram produzidos. Nesse sentido, é importante destacar que um

intervalo de dez anos pode ser considerado ínfimo em termos de mudanças históricas, culturais e sociais.

Durante o período de realização desta pesquisa, chamou a minha atenção um aspecto que mencionei como "Considerações: Das Resistências e Adversidades - Por que elas estão lá?". Naquele momento, o cenário político do país apresentava avanços com a eleição da presidente Dilma Rousseff, que se tornou a primeira mulher a comandar o Brasil. Após dois mandatos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006 e 2007-2010), o Brasil vivenciou progressos significativos nas esferas social, cultural e econômica.

No entanto, tudo começou a mudar após o golpe contra a presidente Dilma Rousseff em 2016, seguido pelo governo de Michel Temer e, posteriormente, pela eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2019. Muitas mudanças ocorreram, e no futebol, assim como na sociedade, avanços e retrocessos frequentemente caminham lado a lado. Hoje, podemos observar mudanças positivas na participação das mulheres no futebol, seja como jogadoras em campo, nas quadras, atuando como repórteres, jornalistas, comentaristas ou treinadoras, entre outros papéis em diversos espaços. Apesar das dificuldades enfrentadas, as mulheres ocupam, resistem e permanecem, ressignificando os espaços anteriormente dominados pelos homens.

No caso específico das torcidas organizadas, é essencial destacar os estilos de vida (TOLEDO, 1996), um espaço repleto de contradições, experiências e preconceitos. Nesse debate, parte das torcedoras demonstra a necessidade de discutir o direito de torcer. Em nossa concepção, esse direito deveria caminhar em harmonia com os avanços vividos pelas mulheres na sociedade em geral.

Estudar as torcedoras de torcidas organizadas requer tolerância, cuidado e cumplicidade. Tolerância para construir confiança, cuidado para preservar a segurança das torcedoras e cumplicidade para garantir a relevância do trabalho. As torcidas organizadas são espaços de diversidade e contradições. O direito de torcer deve acompanhar os avanços das mulheres na sociedade. A experiência das torcedoras nas arquibancadas merece admiração pela persistência em ocupar esse espaço."

Essa adição enfatiza a importância de abordar as especificidades das torcidas organizadas e reconhecer a necessidade de uma abordagem sensível e empática ao estudar as torcedoras. Além disso, ressalta a importância de valorizar a coragem e a determinação das mulheres que enfrentam desafios para ocupar esses espaços de torcida.

Mesmo diante das dificuldades, as torcedoras expressam um profundo senso de pertencimento. A legitimação da mulher torcedora é constantemente questionada em um espaço que ainda é predominantemente masculino. O estádio, tradicionalmente visto como um local de lazer, muitas vezes é considerado exclusivo para os homens. Nossa pesquisa se propõe a questionar por que as mulheres não podem compartilhar desses momentos.

A atuação das mulheres nas torcidas organizadas é analisada, identificando-se a persistência dos estereótipos relacionados ao mundo privado. No entanto, é importante ressaltar os avanços notáveis conquistados pelas torcedoras organizadas. Elas buscam espaço e impõem suas necessidades, enfrentando dificuldades movidas pelo amor ao clube e pela paixão pela torcida. Diante das adversidades, elas se sentem parte de algo maior. A palavra "amor" é frequentemente usada para descrever sua presença nas arquibancadas.

A busca por um "lugar só deles" pode indicar o medo de perda. Torcedoras desafiam os símbolos e significados compartilhados pelos torcedores. A escolha de como demonstrar sua paixão é constantemente julgada. Nossa esperança é contribuir para a mudança dessa postura, fortalecendo a luta das torcedoras e permitindo que elas torçam da forma como desejam.

Essa revisão realça a luta das torcedoras em busca de reconhecimento e espaço, além de destacar a importância de romper com os estereótipos e preconceitos existentes. Também ressalta a necessidade de fortalecer a luta das torcedoras e promover a liberdade de expressão na torcida, independentemente do gênero.

Os estádios de futebol se tornaram espaços onde certas atitudes são aceitas e naturalizadas (DAÓLIO, 1997), mesmo que fora das arquibancadas essas atitudes sejam passíveis de questionamentos. No entanto, atualmente, podemos observar alguns exemplos de "ventos favoráveis, ainda que tímidos". Partindo do princípio de que o futebol é considerado uma reserva masculina (DUNNING; MAGUIRRE, 1997), é interessante refletir sobre o que está em disputa.

Considerando que o estádio é visto como um local do "permitido", os torcedores - organizados ou não - o transformam em seu momento de lazer, onde atos de violência, xingamentos e palavrões são enaltecidos e aceitos. No entanto, por mais que alguns desses atos possam causar estranhamento, precisamos questionar por que as mulheres torcedoras de torcidas organizadas não podem compartilhar desses momentos, assim como os homens. Talvez seja porque se espera delas uma postura

que represente os estereótipos do que é considerado feminino em nossa sociedade, tais como cuidado, afeto, graça, descontrole emocional, vaidade e fragilidade, entre outros. Em última análise, o que parece estar em jogo é o medo de perder um "espaço só deles". À medida que as mulheres compartilham desse espaço, os homens podem sentir a sensação de "perda". E por que eles têm esse medo? Talvez porque isso contribua para a manutenção dos símbolos compartilhados pelos torcedores, que não são necessariamente compartilhados pelas torcedoras. Essa disputa pela manutenção dessa reserva pode ser observada em outros contextos, conforme mencionado anteriormente.

Por fim, o que parece estar em jogo, é o medo de perder um "espaço". Ao passo que as mulheres compartilham desse espaço os homens podem apresentar a sensação de "perda". E, por que eles têm esse medo? Talvez porque ele contribua com a manutenção de símbolos que os torcedores compartilham, e as torcedoras não. Podemos observar a disputa da manutenção dessa reserva em outros lugares também como mencionados acima. Portanto, é fundamental desafiar as normas estabelecidas, desconstruir os estereótipos de gênero e promover um ambiente inclusivo e igualitário nos estádios de futebol, para que as mulheres torcedoras possam desfrutar plenamente de sua paixão e contribuir para a riqueza e diversidade das torcidas organizadas.

Referências

- BOURDIEU, P. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRAGA, Harian Pires. **A Doce Recordação do que vivi: a formação da identidade nacional no futebol (1938-195)**. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Sociedade) – Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2015.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. 244p. (Col. "Memória e Sociedade", coord. p/Francisco Belhencourt e Diogo Ramada Curto, v. 1).
- COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**. v.2, n.4, nov/2006b-fev/2007. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48008>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

DAMO, Arlei Sander. O Espetáculo das Identidades e Alteridades. In: ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flávio de (Org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DAMATTA, Roberto (Org.) e outros. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DUNNING, Eric & Maguirre, Joseph (1997). As relações entre os sexos no esporte. **Revista de Estudos Feministas**. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, vol. 5, n.2, pp. 321-348.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, Maria Ester de. Organização: um espaço de negociação. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 34, n.5, p. 13-20. 1994.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: discontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento** (Porto Alegre), v. 27, e27001, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110157>. Acesso em: 30 mar 2023 DOI:<<https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>>.

GUEDES, Simoni Lahud. A Dádiva e os Diálogos Identitários através das Copas do Mundo no Brasil. In ALFONSI, Daniela; CAMPOS, Flávio de (Org.). **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João Manuel Casquinha; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LEANDRO, Paulo Roberto. **Negó! Baêa! A invenção da Torcida Baiana**. Salvador: EDUFBA, 2015.

MÁXIMO, Pimenta Carlos Alberto. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. São Paulo Perspec. [online]. 2000, vol.14, n.2, pp.122-128.

MALAIA, João M.C. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.):1910-1950 In. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

NORONHA, Marcelo Pizarro. **Futebol é coisa de mulher. Um estudo etnográfico sobre o “lugar” feminino no futebol clubístico. 2010**. 233p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Escola de Humanidades, São Leopoldo, 2010.

PEREIRA, Maria do Mar. **Fazendo Gênero no Recreio: a negociação do gênero em espaço escolar** – Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais. 2012.

PRUITT, D. G. **Negotiation behavior**. New York: Academic Press, 1981.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futebol e Sociedade: **As Manifestações da Torcida**. 164p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Faculdade de Educação Física, Campinas, 1998.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, Macumba e futebol**. Petrópolis: Perspectiva, 2007.

SAMPAIO, Aurino Cesar Freire. “Ba-VI – A paixão Soteropolitano”. **História social do futebol na Bahia (1986 – 2010)**, Salvador. Instituto de Ciências Humanas da Universidade Católica do Salvador, 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas, SP: Editora Autores Associados/Anpocs, 1996. (Coleção educação física e esportes).